
CRISTIANA BASTOS

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Comentário ao painel

«Ciências/Humanidades: grandes esperanças ou ligações perigosas?»

115

S E me obrigassem a responder à pergunta que integra o título do painel nos seus próprios termos, inclinar-me-ia para o último: trata-se de *ligações perigosas*, isso de promover proximidades entre as ciências e as humanidades, ou, como ainda se diz por cá, entre as ciências e as letras. E, no meu vocabulário, «ligações perigosas» são também as desejáveis, criativas, férteis. Que sejam eventualmente difíceis ou dolorosas é coisa para se ver depois. Trata-se, portanto, também, de *grandes esperanças*.

A pergunta está respondida, não por mim, que apenas comento, mas pela diversidade das respostas que aqui se apresentaram, a maior parte das quais baseada em investigação empírica ousada e exploratória. Pelo menos três das comunicações abordaram um dos ícones da biologia contemporânea, ou do que da biologia se usa socialmente — o *gene*, e por conseguinte, o *ADN*.

Em «A biologia forense e a reconfiguração dos saberes», Susana Costa explora o interior e as transformações do saber genético nas últimas décadas, perspectivando a evolução desse saber sobre o pano de fundo das políticas de

eugenia, controle das migrações, melhoria de raça, e levantando as problemáticas da utilização social do conhecimento científico e da estreita intimidade entre os produtos de pesquisa e as agendas políticas em que são produzidos.

Helena Cristina Ferreira Machado¹ traz-nos também uma abordagem empírica e reflexão em torno do mesmo problema — o uso do conhecimento genético no contexto jurídico — através do estudo da jurisprudência sobre disputas de paternidade. Mostra-nos como a jurisprudência foi incorporando o recente saber genético, mas como, também, prevalecem os estereótipos sobre as mulheres na decisão de definição da paternidades. Mostra-nos que a incorporação deste saber — um novo biopoder — é sujeita a negociação caso a caso,

De genética ainda, mas no contexto mais vasto da semi-cyborguização do feto, nos fala Susana Rodrigues Ferreira². A possibilidade de visualizar o feto, graças às recentes tecnologias biomédicas, permitiu torná-lo não só num indivíduo, com um nome, com uma história médica, mas o *locus* onde convergem discursos, concepções e políticas acerca da vida. Mostrando uma grande intimidade com a literatura contemporânea nos Estudos Sociais da Ciência, Susana traz-nos um estudo empírico do processamento da informação subseqüentemente à amniocintese, à digitalização dos conteúdos e à intermitente cyborguização do feto.

Uma outra comunicação³ explora os interfaces biologia/cultura através do estudo das transformações da cartografia cognitiva da alimentação — do bom e do mau, do correcto e do incorrecto, do arriscado e do seguro. Um assunto que é muito caro ao meu lado de antropóloga, uma vez que reverbera uma das grandes linhas de pensamento da disciplina: Lévi-Strauss, as maciças *Mythologiques*, e como a comida é «boa para pensar» — para explorar o interface central que é a relação natureza-cultura.

Dois outros trabalhos, de Carlos Nolasco⁴ e de Manuel Sérgio⁵, abordam um outro interface, o da administração social do exercício físico. O de Manuel Sérgio fá-lo através da descrição da experiência de implementar o estudo da Motrici-

¹ «Vaca que anda no monte não tem boi certo. Uma análise da prática judicial de normalização do comportamento sexual e procriativo da mulher».

² «O feto: da invisibilidade à perplexidade».

³ «Risco — uma perspectiva das ciências da nutrição», de Pedro Graça, João Arriscado Nunes e Maria Daniel Almeida.

⁴ «Entre a descoberta e a reinvenção do desporto».

dade Humana; o de Carlos Nolasco explora as reconfigurações do desporto e os múltiplos usos sociais desta actividade.

Ainda versando sobre a produção e uso de conhecimentos temos os trabalhos de Telmo Caria⁶, que explora um modelo sobre os intermediários do conhecimento, definindo actores, relações, articulações, o de Morgado Pereira⁷, sobre a Psiquiatria Crítica, e o de Lino João Neves⁸, sobre a utilização do saber dos antropólogos no processo de demarcação de terras indígenas no Brasil. Temos aqui o único caso do dia em que é o próprio saber dos cientistas sociais que é examinado e as utilizações desse saber questionadas.

Maria Otilia Pereira Lage⁹ traz-nos um caso em que, através das polémicas entre Abel Salazar e António Sérgio, nos anos 30 e 40, podemos ver as modalidades que, *avant la lettre*, tomava a questão da «terceira cultura» — e, neste caso, mais na acepção de Brockman, ou seja, entendida enquanto a esfera de actividade de divulgação científica, que, por definição, recorre às características das «duas culturas» (o saber científico e a habilidade literária).

Finalmente, duas propostas teóricas. Uma, de Mário Artur Machaqueiro, «Manifesto a favor das fronteiras», que procura responder à questão das duas culturas através de um exame histórico da epistemologia de cada um dos campos. Outra proposta, a de José Gabriel Pereira Bastos¹⁰, traz-nos um caldeirão explosivo de conceitos, tradições disciplinares e potencial criativo para a nova teoria crítica, explorando com recurso a perspectivas múltiplas as dimensões do mundo contemporâneo que se traduzem temporariamente em «mais sofrimento», de trajectórias mensuráveis em «milhões de mortos».

É de notar que nesta sessão, como neste campo em geral, são os estudos sociais de questões biomédicas aqueles que mais imediatamente se colocam no interface de ciên-

⁵ «Motricidade humana — grandes esperanças ou ligações perigosas?».

⁶ «Investigar os intermediários do conhecimento».

⁷ «Para uma Psiquiatria Crítica».

⁸ «Direito/Antropologia: grandes esperanças ou ligações perigosas no processo de demarcação das terras indígenas no Brasil?».

⁹ «Da disjunção da polémica à complementaridade: ciência e sociedade (Portugal anos 30/40)».

¹⁰ «Ciências/Humanidades — grandes esperanças ou clivagens perigosas? Contribuições para uma teoria crítica das ciências sociais e das suas teorias críticas e para a abertura de um espaço estrutural-dinâmico de criatividade antropológica».

118

cias e humanidades, como se o espaço fosse ou mais apetecível, ou mais irresistível, ou pelo menos o mais tolerante. Talvez: mais depressa vemos solicitações a filósofos, humanistas, sociólogos e antropólogos (note-se que aqui juntamos provisoriamente as humanidades e as ciências sociais... mesmo que estas últimas se venham a afirmar como a possível «terceira cultura»), por parte dos médicos e biólogos que se vêem a braços com as implicações éticas das suas pesquisas ou com as dimensões sociais das suas práticas e objectos, do que as vemos partir dos físicos, dos matemáticos, dos astrónomos e de outros profissionais do rigoroso mensurável. Perdoem-me físicos e matemáticos estas grosseiras generalizações da minha parte, que tinha obrigação de conhecer melhor a aventura filosófica que nos propõem; mas também esta está proporcionalmente mais distante do campo imediato das relações humanas, onde se joga a emergência e relevância das ciências sociais e humanidades, da «outra cultura».

Enviesamento pessoal, talvez, para as áreas biomédicas: é que é nestas que, de forma mais expressiva, vejo aparecer a figura de síntese das «Duas Culturas» descritas por Snow. Nas figuras históricas de médicos, de alguns médicos, de alguns que foram médicos: os médicos escritores ou artistas, poetas, pintores, humanistas, simultaneamente científicos e literários, combinando sem contradição aquilo que Snow retrata como fugindo para pólos opostos.

Talvez o interface com as ciências biomédicas, onde a todo o momento e à vista de todos se reconfiguram natureza e cultura, onde se jogam decisões quotidianas da maior banalidade à mais radical responsabilidade, a mais abordável das ligações perigosas. A «ligação perigosa» que uns e outros podemos tolerar, menos fatal e ameaçadora. Talvez as ligações fatais se joguem nos campos mais misteriosos e distantes da física e na matemática, de onde ainda há pouco vieram as brincadeiras perigosas que tomaram lugar na revista *Social Text* e depois se ampliaram e descambaram em guerra (as notórias *Science Wars*), envolvendo jornais de grande tiragem, como o *New York Times*, suplementos e revistas literárias, como a *New York Review of Books*, livros e mais livros, empolgamento internacional, polémicas sem fim, pretextos para mudar linhas de financiamento, e, o que mais me surpreende, o reatar das fronteiras descritas por Snow, agora armadas mais que nunca, entrincheiradas, assinalando a irredutibilidade das *duas culturas*.

Pensava eu que, na nossa terceira cultura, a das ciências sociais, se tinha ultrapassado esse fosso. Que compreendíamos e mediávamos a diversidade, mas não irredutibilidade, dos pontos de vista e perspectivas. Que era claro para todos que a produção social do real não o faz menos real. E que a decomposição analítica de um qualquer objecto, mesmo peça de saber, não corrompe o seu estatuto ontológico. Que a luz não deixa de acender quando há crise nas ciências e que os aviões não deixam de levantar quando se procede a estudos sociais da tecnologia e engenharia. Pensava eu que tudo isto era claro, mas estava redondamente errada. As duas culturas estão aí e puxam-nos para lados diversos, obrigando-nos a tomar partidos em guerras tão absurdas como a que neste instante decorre nos Balcãs (o que me leva a sublinhar a sugestão de José Gabriel Pereira Bastos de utilizarmos a unidade de medida histórica Mm, para milhões de mortos, integrada numa proposta teórica mais ampla, a do «mais sofrimento»).

E guerras são guerras, nos Balcãs ou na imprensa académica, e é no fundo do mesmo que se trata, de sermos assim e vermos cada uma das nossas esperanças e apostas ser acompanhada de equivalentes medos e recuos, facilmente resvalando para o barbarismo da não-comunicação e para a atrocidade da violência ou sabotagem. Por isso digo agora que estava errada: as duas culturas ainda cá estão, mesmo que tenhamos ultrapassado os obstáculos epistemológicos, institucionais e «de cultura» que Snow assinalava em 1959.

Estão aí: estavam quando andei no liceu, onde todos éramos empurrados para escolher entre Ciências e Letras, como se se tratasse de duas entidades tão claramente distintas que, ao revelarmo-nos de uma, a suposição era não termos qualquer réstia de interesse pela outra. Estavam lá, com comentários associados, as Letras mais débeis, as Ciências mais duras, as Letras mais de meninas, que tinham de endurecer para aguentar as Ciências e quase metamorfosear-se para aguentar as Engenharias, e as Ciências e técnicas para meninos, que para poder chegar às Letras tinham de fazer desvios pelo mais aceitável Direito. Não é já nestes termos caricaturais que se nos apresenta a oposição entre as «duas culturas», mas ela persiste. Ou de outra coisa não tratam as chamadas Guerras da Ciência.

Mas porquê tanta violência? Para quê as táticas de má-fé utilizadas por Sokal para atacar os estudos sociais da ciência, adoptando escribas dissidentes do interior do campo,

nas mais ortodoxas técnicas de guerrilha e guerra verdadeira? E porquê o alastramento desses ataques, a adesão automática não só de cientistas duros, mas até de colegas das ciências sociais?

Talvez, como em muitas outras dimensões do devir humano, arrumarmo-nos em metades oponentes seja apenas uma estrutura fácil e «confortável» (sublinho as aspas) para nos arrumarmos, cognitivamente mais cómoda do que a tentativa de construirmos pontes sobre as diferenças e fazermos o esforço suplementar para integrar epistemologias distintas daquela em que habitualmente nos movimentamos. Mais rapidamente recuamos para um *Nós vs. Eles* — e assim nos atestam as guerras pós-guerra fria deste final de século — do que conseguimos manter as plataformas de utopias pluralistas e multivocais. Somos apenas humanos.

Dito isto, sabendo que esses pólos não desapareceram nem cederam a uma síntese homogeneizante, temos o desafio e o privilégio de escolher um olhar duplamente situado, gozando da nossa condição de terceira cultura, e talvez lançar algumas linhas de construção das perspectivas teóricas críticas que os problemas da sociedade contemporânea exigem. E aqui intercalo os meus parabéns à *Revista Crítica de Ciências Sociais*, não só pelo vigésimo aniversário, mas por ter sido um fórum de publicação e animação de discussões que são mesmo *críticas*, e onde se incluem explorações no estudo social da ciência e estudos empíricos da biomedicina que aqui se têm vindo a desenvolver.

No meu próprio trabalho, que durante algum tempo se concentrou sobre uma epidemia (a SIDA) que não só desafiava a capacidade interventiva da medicina como ela própria configurava a caracterização da sociedade contemporânea — para usar a linguagem de Scott Lash aqui proposta ontem, o *loop* dos superinformados combinado com a grande massa dos excluídos — não podia senão enfrentar com todas as suas implicações a situação de interface que evocava a convergência das «duas culturas». Essa epidemia, e com ela o objecto de estudo construído, vivia-se e representava-se num constante jogo interactivo entre as dimensões sociais/políticas/culturais e as dimensões da saúde e da biologia; as de cada uma das duas culturas; as duas culturas. Nessa epidemia, e no fenómeno de conhecimento e de mundialização da acção em que se tornou, se jogaram os termos, as dificuldades e os horizontes de fractura em que redunda, também, este jogo de esperanças e ligações perigosas de aproximar

humanidades e ciências, política e medicina, conhecimento e tratamento; e tudo se fazia na adrenalina do abismo de estarem tantas vidas em jogo, em simultâneo, tanto ao longe no Terceiro Mundo como pertíssimo, dentro de casa, instalado no interior do *loop* interno que se pensava livre das epidemias e pragas. Um assunto assim foi um constante desafio teórico, e do que sobrevive dessa experiência fica um testemunho de quase certeza de que, para esperar uma nova teoria crítica, há que sobretudo arriscar nas aventuras cognitivas de romper os fossos epistemológicos, institucionais, políticos, que separam as «duas culturas». ■